



# EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO OU DESENVOLVIMENTO PARA A EDUCAÇÃO

Roberto Miscow Filho

**D**urante muitos anos, os filmes, exibidos no cinema ou na televisão, os romances de espionagem e até mesmo a propaganda oficial nos países do Ocidente vêm predispondo o homem comum contra os regimes comunistas, ressaltando naqueles regimes, os horrores (realmente existentes) da tortura, do fuzilamento sumário e da prisão nos Gulags.

Óbvio, inteiramente óbvio, é o fato de qualquer pessoa normal, isto é, psicologicamente sadia, horrorizar-se, tomar-se de viva repulsa por um regime que tenha institucionalizado a tortura, o "paredón" e o campo de concentração para presos políticos. É fácil conseguir das pessoas comuns essa predisposição que surge mais do sentimento e do impulso instintivo,

quando não obliterados por qualquer doença psíquica.

O problema, entretanto (pelo menos assim nos parece), é que aqueles aspectos horripilantes — a tortura, a pena de morte sem julgamento e a prisão em condições subhumanas — são *acidentais*; não constituem a malignidade *intrínseca* dos regimes totalitários, de direita ou de esquerda. O risco, portanto, é o de que o homem comum se atenha ao acidental e lhe escapem as características *essencialmente* perversas.

No presente artigo, pretendemos analisar a possibilidade de uma educação autêntica; ajudar as pessoas, e a sociedade em consequência, a defender-se melhor contra as insídias do totalitarismo.

O QUE É O HOMEM? — Mais de um pensador (inclusive o genial



Aristóteles) já teria afirmado que a política é um assunto dos *homens*. Pode-se falar, por exemplo, nas "sociedades" das abelhas ou das aves migratórias; um pouco de observação será, entretanto, suficiente para descobrirmos o seguinte fato: por mais engenhoso e organizado que seja o trabalho nas colméias, por mais orientados e sincronizados que sejam os vôos estacionais — eles só fazem cumprir, ao longo dos séculos, a misteriosa lei determinista codificada no soma. Ao contrário, o inquieto, o inesperado e variegado universo das ações humanas, ao longo do tempo e do espaço, permitirá ao observador *atento* adivinhar um outro tipo de "lei" (se couber tal nome ao imprevisível, ao aleatório) que não mais se origina da fidelidade telúrica e monótona da matéria.

O homem busca, realmente, a organização e o planejamento, porém, ao contrário das abelhas e das aves migratórias que agem instintivamente, ele o faz através da criatividade e da renovação constantes, deixando em todos os seus empreendimentos a marca da liberdade e da inteligência associadas, à marca do espírito.

Ainda nos referindo às abelhas e às aves, notamos o importante detalhe da exclusiva e permanente servidão ao objetivo do grupo; jamais uma abelha, interrompendo sua tarefa no favo, sairá para contemplar um irisado pôr de sol; jamais uma ave migratória, saindo da formação de suas companheiras, descerá para nadar um pouco nas águas do lago da montanha

que assiste muda e indiferente à passagem do bando alado. Tudo ocorre como se a atividade do inseto ou do pássaro tivesse uma característica de *fim* em si própria, não importando o indivíduo (abelha ou ave) considerado.

Ao contrário, na sociedade humana, um homem pôde escolher uma difícil vida solitária, porém libertado dos poderosos, para melhor compor uma "sonata-quase-uma-fantasia" ou escrever nove sinfonias das quais a última é um belíssimo hino à alegria; um outro homem pôde arrostar a galhofa dos acomodados, para conduzir três frágeis embarcações que trouxeram a um novo Continente o germe civilizador de um mundo já amadurecido; um terceiro, depois de realizar brilhantes descobertas nos domínios da matemática e da física, pôde galgar "o silêncio dos espaços infinitos" para descobrir uma Sabedoria mais alta; ainda um quarto homem pôde despir-se das roupas e das honrarias que o pai carnal havia-lhe doado, e, desprovido assim, procurou servir melhor o Pai de todos nós, pobres ou ricos.

As referências anteriores, a Beethoven, Colombo, Pascal ou São Francisco de Assis, *não* constituem, absolutamente, recurso retórico, não têm pretensão alguma de introduzir "poesia" (no mau sentido da palavra) num texto que se deseja mais reflexivo. Tais exemplos foram intencionalmente lembrados para ressaltar o quanto pode a liberdade humana, além dos limitados esquemas da rotina e do desejo de segurança. Para um adepto do sociologismo, o genial



surdo músico de Bonn, o temerário navegante genovês, o profundo pensador francês e o santo medieval talvez sejam considerados "anormais", porque estão fora da cúpula protetora das curvas gaussianas. Para nós outros (que acreditamos nas virtualidades da liberdade humana) eles foram homens tão normais (ou, quem sabe, até mais) quanto qualquer modesto funcionário público ou simples vendedora de loja!

As considerações anteriores, a nosso ver, são necessárias para configurar-se uma resposta à pergunta que marca o início deste trabalho: *o que é o homem?* Se não admitimos como própria do homem essa integral liberdade *criativa*, não poderemos estabelecer a correta definição do ser que é a origem e o fim dos atos políticos.

Um jardineiro que, havendo plantado várias roseiras em seu jardim, acabe encontrando muitas rosas pouco desenvolvidas, sem perfume e sem viço, se for um bom jardineiro nunca dirá que aquele fato é "normal"; antes irá buscar a *causa* que impediu o pleno desabrochar de cada uma de suas flores. De forma análoga (e com uma dignidade infinitamente maior), cada ser humano, enquanto passa pelo mundo, é como se fosse uma planta especial, trazendo, em embrião, uma existência transitória porém plena de beleza, ainda que este ser humano seja um modesto funcionário público ou uma simples vendedora de loja!

Repetimos: isto não é retórica; é uma colocação que separa violentamente o ponto de vista demo-

crático do modo de ver totalitário!

### O SENTIDO DO TRABALHO

— Pedimos vênias ao leitor paciente para citar algumas palavras que o Papa João Paulo II escreveu, com notável perspicácia, sobre o sentido do trabalho humano. Diz ele:

*"As fontes da dignidade do trabalho devem ser procuradas sobretudo não na sua dimensão objetiva, mas sim na sua dimensão subjetiva.*

*Em tal concepção quase desaparece o próprio fundamento da antiga diferenciação dos homens em grupos, segundo o gênero de trabalho que eles faziam. Isto não quer dizer que o trabalho humano não possa e não deva ser de algum modo valorizado e qualificado de um ponto de vista objetivo. Isto quer dizer somente que o primeiro fundamento do valor do trabalho é o mesmo homem, o seu sujeito. Relaciona-se com isto imediatamente uma conclusão muito importante de natureza ética: embora seja verdade que o homem está destinado e é chamado ao trabalho, contudo, antes de mais nada, o trabalho é "para o homem" e não o homem "para o trabalho". E por esta conclusão se chega a reconhecer justamente a preeminência do significado subjetivo do trabalho sobre o seu significado objetivo. Partindo deste modo de entender as coisas e supondo que diversos trabalhos realizados pelos homens podem ter um maior ou menor valor objetivo, procuramos todavia pôr em evidência que cada um deles se mede sobretudo pelo padrão da dignidade do mesmo sujeito do trabalho, isto é, da pessoa,*



*do homem que executá. Por outro lado, independentemente do trabalho que faz cada um dos homens e supondo que ele constitui uma finalidade — por vezes muito absorvente — do seu agir, tal finalidade não possui por si mesma um significado definitivo. De fato, em última análise, a finalidade do trabalho, de todo e qualquer trabalho realizado pelo homem — ainda que seja o trabalho mais humilde de um “serviço” e o mais monótono na escala do modo comum de apreciação e até o mais marginalizador —, permanece sempre o mesmo homem.”*

(Encíclica: “LABOREM EXERCENS”)

Perguntamos: tais palavras, de serena e profunda sabedoria, serão aceitas pelo mundo moderno?

Antes de responder, gostaria-mos de abordar um fato que vem ocorrendo, há algumas décadas, na vibrante área dos esportes. Referimo-nos às Olimpíadas, esse espetáculo grandioso que, de 4 em 4 anos, congrega atletas de quase todos os países numa reedição ecumênica dos clássicos jogos gregos.

É notório que as Olimpíadas vêm se ressentindo da acirrada competição política entre dois grandes blocos adversários: o dos países do Ocidente, liderados pelos Estados Unidos, e o dos países socialistas-marxistas, arrastados pela União Soviética.

No lado oriental, vemos atletas adestrados em rígido, quase brutal, regime disciplinar (incluindo as representantes do sexo feminino . . .), gozando de privilégios

não conhecidos pelo homem comum de seus países; atletas vigiados constantemente, principalmente quando competindo fora da Cortina de Ferro, permanentemente “doutrinados” para vencer pela Causa (reproduz-se em vermelho o que Hitler pintou em cor parda nas Olimpíadas de Berlim, em 1936 . . .). O atleta soviético, cubano ou alemão oriental é, sem dúvida, um funcionário do Estado . . .

No lado ocidental, a comercialização do atleta, do jovem ou da jovem que vende sua própria imagem para a propaganda de sabonete, material esportivo, comestíveis, vitaminas etc — não é mais novidade. Atletas que se tornam milionários. Nas recentes Olimpíadas de 1984, vimos o caso do atleta americano cercado de guarda-costas e que teve sua bela casa de verão na Flórida assaltada enquanto ele se preparava para competir em Los Angeles . . .

De um lado ou do outro da Cortina (que nos desculpem os entusiastas do esporte . . .), vemos a lamentável, a triste deturpação do espírito esportivo, o qual deveria ser marcado pela ingenuidade, pela alegria espontânea, pelo comportamento que os anglo-saxões souberam tão bem definir com a bela expressão “fair play”!

Pois bem, no que tange ao trabalho, isto é, ao sentido do trabalho, vem ocorrendo há quase setenta anos fato semelhante ao detectado nos jogos olímpicos. De um lado e do outro, o trabalho não é visto sob aquela perspectiva nobre, com aquela dignidade re-



fletida nas palavras do Papa retrocitadas porquanto, na verdade, de um lado e do outro, prevalece a produção como o fim último do trabalho humano. Uma grande, uma das enormes diferenças (e seria sumamente injusto esquecê-lo) é que, no ocidente *ainda* podemos escrever um artigo como este em que se debatem idéias e se propõem questões, tudo visando o aperfeiçoamento do regime de liberdade no qual, graças a Deus, tocou-nos nascer e crescer no qual, se Deus quiser, esperamos morrer.

As últimas frases do período anterior podem, talvez, revelar alguma emotividade; é difícil, realmente, esconder o quanto é agradável sentirmo-nos ainda livres, embora percebendo sempre a onipresença do Estado no mundo contemporâneo . . .

O surgimento do socialismo e de seu primo consagüíneo, o comunismo, fez germinar entre patrões e operários a discórdia, a desconfiança mútua permanente, a atmosfera pesada e rancorosa — postura essa *desconhecida* no convívio dos antigos fazendeiros e seus escravos, em que pese à intrínseca injustiça da escravidão. Esta paradoxal afirmativa não é nossa; ela é fruto da atilada análise de JOAQUIM NABUCO que foi, como todos sabemos, convicto *abolicionista*!

Conseqüência de seu estado de espírito continuamente amargurado e reivindicativo, o trabalhador, o empregado moderno não consegue olhar seu trabalho como um meio de crescimento interior, de enriquecimento moral; ele o vê

pura e simplesmente como um honesto recurso para ganhar a vida. Por outro lado, a voracidade do consumismo e a conseqüente perda do sentido da qualidade que deveriam ter os bens produzidos estimulam uma acelerada e desenfreada produção, sendo os patrões e os empregados colhidos no mesmo torvelinho *irracional* e absurdo.

Perguntamos: fatos que vêm ocorrendo, *no mundo inteiro*, tais como: o desmatamento das florestas, a fabricação de objetos logo ultrapassados (“built-in-obsolescence”), a ação deletéria dos agrotóxicos e a vida agressiva das megalópoles — tudo isso não deveria fazer-nos todos desconfiar da “disparada-para-frente”? É claro, uma posição sofisticada talvez queira desculpar tudo com a palavra-mágica: EVOLUÇÃO . . .

Nos países socialistas-comunistas ocorre semelhante alienação, com a tremenda agravante de que os “patrões” são os dirigentes do Partido, burocratas frios empenhados em uma vigilância feroz, muitíssimo mais desumana que a dos antigos donos de fazendas dos tempos coloniais . . .

Quando se questiona a vigilância exercida pelos comunistas nos países por eles dominados (Rússia, Polónia, Cuba, Húngria, China etc) os vermelhos retrucam com outra palavra-mágica: DIALÉTICA, afirmando que no futuro (quando?) tudo será diferente e a História (com “H” maiúsculo, pois para os marxistas, teillardistas “et similia” — a História é uma esotérica crença no futuro . . .) provará que eles tinham razão . . .



Portanto, com palavras-mágicas, de um lado e de outro, desculpa-se a agressão ao homem concreto, de carne e osso, ou releva-se o esquecimento do ser humano, visível e próximo de nós. E, assim, perde-se de vista aquilo que o Medieval conhecia de perto: a alegria do trabalho bem feito, trabalho que terminava na beleza da "master-piece", da obra-prima do artesão independente e responsável! Nós modernos, gabamos-nos de produzir "X" ou "Y" milhões de carros por ano, porém ainda não nos demos conta de quanto é absurdo o fato de um automóvel que, tendo sido adquirido "0" quilômetros, com menos de dois anos de uso (trafegando em ruas normais) esteja corroído pela ferrugem e cheios de defeitos...

### O SENTIDO DA EDUCAÇÃO

— No primeiro capítulo da segunda parte do seu penetrante "manual de economia" intitulado "Small is Beautiful" (traduzido entre nós como: O Negócio é Ser Pequeno", editora Zahar — 1981), E. F. SCHUMACHER nos apresenta a educação como o maior dos recursos à disposição do homem.

Entretanto, o inteligente economista inglês (infelizmente já falecido) nos lembra também que a própria educação pode ser utilizada de maneira errônea ou equívoca, apesar de sua potencial capacidade de auxiliar os homens a resolverem seus complexos problemas políticos, sociais e econômicos. Em outras palavras: SCHUMACHER não comete a primária ingenuidade de considerar a educação como infalí-

vel panacéia; com aquele senso prático tão peculiar aos filhos de Albion, o economista nos adverte quanto aos riscos do uso deturpado da educação.

Na introdução deste artigo, referimo-nos à malignidade intrínseca dos regimes totalitários, em particular à malignidade dos regimes socialistas-comunistas. Ora, uma das notas da essencial perversidade daqueles regimes é, exatamente, o uso "sistemático" da educação, isto é, a educação "instrumental" a serviço do Estado, em benefício da manutenção da tirania do Partido.

Ora, o Ocidente não sofre a tirania do partido único; entretanto, do lado de cá da Cortina de Ferro deixamo-nos envolver pelo jugo mais sutil da "Produção-em-primeiro-lugar", processo que se torna tanto mais dramático quando, às vezes em um mesmo país, nos defrontamos com áreas tão desigualmente desenvolvidas... além disso, temos de enfrentar o perigo latente da subversão comunista, necessitando, para nos defender desse perigo, uma firme ordem estrutural.

Esse difícil conjunto de circunstâncias enseja o risco de procurarmos direcionar nossa educação para um objetivo político-social. O objetivo é legítimo; muito discutível é o meio imaginado para atingi-lo... Já houve, por exemplo, em nosso país, quem propugnasse por uma "educação-para-o-desenvolvimento", esquecendo-se de que a finalidade *precípua* da educação é formar o homem integral, inteligente e livre, criativo e cons-



ciente de sua dignidade *essencial*, sem compromissos com partidos ou com a produção. Frutos daquela "educação desenvolvimentista", talvez tenham sido a retirada do estudo do latim e a introdução dos chamados "cursos profissionalizantes" no curso secundário. . .

Se nos pedissem um exemplo dos parâmetros de uma "educação integral", diríamos: uma educação que ensine os jovens (rapazes e moças) a desejarem afirmar-se na vida sem, entretanto, sujeitar-se ao sórdido expediente do tráfico de influência ou sem depender do recurso, não menos aviltante, do ingresso em partido único. É fácil avaliar que semelhante educação só é possível de existir quando as próprias famílias assumem sua responsabilidade, não só ensinando aos seus filhos posturas firmadas sobre a nobreza moral (em termos antigos: ensinando-lhes as clássicas virtudes da Prudência, da Justiça, da Força e da Temperança) como também *exigindo* das escolas idênticas posturas.

Pode-se verificar que o ideal acima proposto será difícil de atingir se as famílias, nos países livres, preferirem apenas exercer o direito de criticar os políticos e órgãos públicos e não se preocuparem em fazer, primeiramente, um honesto exame de consciência. Se fizerem tal exame, poderão descobrir a profunda correlação dos vícios e erros dos políticos com a *mediocridade* de cada um dos outros que não são políticos "stricto sensu" . . .

As considerações anteriores explicam o motivo pelo qual os Governos nos países democráticos, além de manter a escola pública, devem ainda *estimular* e *apoiar* a escola mantida pela iniciativa privada; a existência desse último tipo de escola pode constituir-se no melhor apoio às famílias que desejem educação adequada aos ideais de liberdade referidos ao longo deste artigo. Os regimes democráticos devem não só admitir como também auxiliar a escola privada.

UMA RESSALVA — Alguns parágrafos acima, referimo-nos ao papel que as famílias devem desempenhar no amplo processo educativo, ensinando aos seus filhos a nobreza moral, as virtudes cardeais etc. Neste ponto, acreditamos ser oportuna uma ressalva.

Formar rapazes e moças dentro de um quadro ético não deve significar prepará-los para serem apenas honestos e bem comportados. Um exemplo do ideal que deve ser proposto aos moços é o respeito integral à Justiça (com maiúscula; não deve ser confundida com a palavra usada pelos juristas e pelos órgãos públicos responsáveis pela justiça punitiva). Expliquemo-nos: um rapaz ou uma jovem que deseje apenas "subir-na-vida", mesmo honestamente (isto é, sem usar meios legais) e que se compraza com o fracasso de um concorrente ou provável concorrente, pode, com tal sentimento, estar ofendendo à Justiça. . .

Pelo contrário, um *profundo* respeito à Justiça (com maiúscula)



poderá fortalecer os laços da amizade cívica tão necessária à sociedade humana. A solidariedade entre os homens, ao contrário do que ocorre nas "sociedades" das abelhas e das aves migratórias, não pode objetivar a realização eficiente do trabalho a ser feito. Deve ser muito mais: um transbordamento da generosidade essencial do coração humano. Isto também *não* é poesia; o pragmatismo não pára a fim de observar refletindo e, refletindo, intuir a misteriosa intervenção criadora daquela generosidade que impede o universal masacre.

Aliás, um exemplo característico da miopia pragmática é a apresentação de soluções cartesianas, simplistas, quase brutais, para o complexo prolema demográfico, soluções que partem de uma simplória divisão dos grupos humanos em duas partes: uma que *pode* tomar certas iniciativas, outra que *tem* de tomar tais iniciativas, divisão aquela realizada na cabeça de quem analisou apenas o aspecto quantitativo, estatístico, do problema. Reduzido o problema a tais aspectos, onde fica a *pessoa*, o ser humano concreto? A Justiça (com maiúscula) não pode ser fragmentada; não é formada de partes desconexas. Ou ela é respeitada integralmente ou não é respeitável.

**EFICIÊNCIA E EFICÁCIA** — Retomando a seqüência deste trabalho, abordamos agora relevante aspecto, também ligado ao sentido da educação, e que gira em torno das duas palavras iniciantes do presente parágrafo. Definidas de ma-

neira singela, pode-se dizer que a eficiência está relacionada com os meios e a eficácia com os fins.

Ora, parece-nos que o magno problema da educação deve estar mais ligado aos fins, conforme pretendemos mostrar a seguir.

Tal como nas Olimpíadas, nas quais periodicamente vêm sendo ultrapassados centenas de "records", numa demonstração evidente do quanto podem a força de vontade e a disciplina conjugadas — também na preparação dos jovens (rapazes e moças) para a vida, podemos conseguir resultados igualmente espantosos no que tange á firmeza de caráter, à honestidade, à capacidade de trabalho, ao espírito de organização etc. Podemos, portanto, "produzir" cidadãos *eficientes*, em qualquer profissão que eles tenham escolhido. O que resta a esclarecer é o ponto principal do problema, a saber: se estamos ou não considerando a *finalidade* das pessoas assim preparadas, isto é, de *cada* pessoa, *independente* de suas habilitações profissionais, *independente* do trabalho específico que ela realiza na sociedade.

Sabemos todos que: a finalidade do relógio é marcar exatamente as horas, a finalidade da mina anticarro é destruir ou pelo menos imobilizar o blindado inimigo, e a do microcomputador é processar os programas de cálculo ou de ordenação nele inseridos etc. Vem, pois, a pergunta:

*Qual a finalidade do ser humano?*

Para que o leitor possa verificar a que ponto pode conduzir



o menosprezo da correta resposta á pergunta que encerra o parágrafo anterior, pedimos que observe, *com atenção*, o que vem ocorrendo em certo grande país do mundo moderno, país de vantajada extensão territorial, habitado por uma população estimada na classe dos bilhões. Nesse país, um regime *eficiente* tem conseguido, em prazos bastantes curtos, esplêndidos resultados econômicos e/ou sociais, resultados que deixam assombrados milhares e milhares de pessoas que visitam o tal país. Porém há um "pequeno" detalhe que, infelizmente, costuma passar despercebido pela maior parte dos visitantes. Referimo-nos ao seguinte fato: em um certo ano, naquele país, todos os seus filhos *têm* de trajar-se de modo uniforme, mesmo tecido, mesmo talhe, mesma cor; algum tempo depois, o governo baixa um decreto permitindo a qualquer um vestir-se a gosto, livre, como preferir. Em uma certa época, o governo proíbe o comércio baseado no lucro, coisa que aquele país considera "extravagância" dos países capitalistas; tempos depois, o mesmo governo baixa outro decreto permitindo que se instalem empresas e lojas com fins lucrativos...

Obviamente, um espírito latitudinário, mais "esclarecido" (...) talvez nos retruque que o fato acima apontado não têm importância, que é apenas sinal da *evolução* (outra vez a palavra-mágica) do referido país... Quanto a nós, olhamos e vemos uma imensa população vivendo como se esti-

vesse em um grande colégio interno ou num enorme asilo de órfãos, onde cada "interno" ou cada "menor de idade" tem suas aspirações medidas e contadas pelo "diretor" do "colégio" ou do "asilo" ... Aliás, um "diretor" cheio de venetas.

O exemplo dado acima mostra, portanto, o que pode ocorrer quando os meios são escolhidos a partir da ignorância (voluntária ou não? será sempre um mistério) dos fins verdadeiros. Algo análogo ocorre com a maioria dos tiranos e tiranetes, catalogados pela história; eles têm sido homens de vontade muito firme, grande capacidade de trabalho e honestos (pelo menos honestos nos assuntos ligados à manipulação de dinheiro) — em uma só frase: têm sido homens *eficientes*. Entretanto, todos eles têm sido governantes *inefizes* porque ignorantes do que representa realmente cada pessoa humana, isto é, ignorantes da *finalidade* do ser humano. Incapazes de entender que a finalidade do homem transcende os estreitos limites de uma profissão (qualquer que ela seja), os tiranos e tiranetes sempre desejaram que seus governados fossem apenas eficientes e disciplinados obreiros da produção e da ordem social, semelhantes às abelhas melíferas e às aves migratórias. Em oposição, os melhores governantes têm sido aqueles que se preocupam muito mais em gerar, entre seus súditos, o clima adequado ao pleno desenvolvimento das virtualidades humanas, explicáveis pela transcendência do homem.



Aliás, com respeito às duas (eficiência e eficácia), não existe nenhuma oposição de direito; entretanto, é indiscutível que a pessoa cujas ações sejam pautadas pelo respeito à Justiça, isto é, com maior sensibilidade ética, produzirá *sempre* resultados menos eficientes que uma outra desprovida de idêntico refinamento da consciência. Tal diferença de enfoque pode conduzir a dramáticos efeitos, surpreendendo os menos avisados... (Aliás, um dos pontos típicos da mentalidade burguesa é a valorização das pessoas unicamente pelo sucesso que elas conseguem na vida, ou seja: um critério baseado apenas na avaliação do grau de *eficiência* de quem estiver sendo observado; e, regra geral, semelhante critério é aplicado com tanto maior severidade quanto mais eficiente for o avaliador ou avaliadora. Multiplique-se isso por mil, por um milhão, e teremos toda uma sociedade desorientada quanto ao fim precípuo do homem, egoísta e massificada...).

Para os materialistas de todos os tons e intensidades (incluídos aí os socialistas, comunistas, os cínicos etc) as considerações anteriores são "meros devaneios"; o materialismo opera uma retração mental no observador tornando-o inapto a distinguir o que há de *tremendamente* específico na condição humana!

Para ressaltar os desvios resultantes da confusão entre eficiência e eficácia, demos os exemplos de um notório país comunista e dos tiranos registrados pela história; são exemplos de casos extremos.

Nada impede; entretanto, que semelhantes equívocos venham a ser cometidos, em nível menor, porém não muito menos nocivos, por aqueles que sejam responsáveis pela educação dos mais jovens e menos experientes.

**UMA RESPONSABILIDADE MAIS CONSCIENTE E MAIS AMADURECIDA** — As primeiras noções do Direito ensinam-nos, entre outros conceitos, a diferença entre o crime culposo e o crime doloso, entre culpa e dolo. Assim, por exemplo, ocorre culpa quando, ao cometer o crime, o autor foi levado pela imperícia, pela imprudência ou pela negligência; tais circunstâncias definem a culpa no terreno jurídico.

Ora, pode ocorrer (e muitas vezes ocorre) que, na escola ou família, o jovem receba o que chamaríamos (entre aspas) "uma educação jurídica", isto é, uma educação que simplesmente oriente o moço para desejar apenas *nunca* tornar-se culpado de qualquer crime. Pode-se, dessa forma, conseguir que o moço venha a tornar-se um cidadão profissionalmente capaz e bem inserido dentro da ordem social. Perguntamos: no que concerne à desejável eficácia, será suficiente semelhante tipo de educação?

Antes de responder à pergunta anterior, olhemos alguns fatos que ocorrem em nossa volta, por exemplo: o doloroso sofrimento dos retirantes da seca do Nordeste e o drama não menos pungente das crianças que morrem de fome na Etiópia. Ninguém, repetimos: ninguém, em sã consciência, pode-



rá considerar-nos juridicamente culpados por esses dramas. Seria absurda tal incriminação! Ocorre, entretanto, uma circunstância transparente à observação superficial dos pragmáticos, dos socialistas e dos comunistas: a circunstância de que os problemas sociais, em sua raiz mais profunda, são resultantes de um imenso somatório de pequenas e grandes omissões de generosidade. Muito mais que conseqüências de injustiças conscientes (embora elas existam ...) aqueles problemas constituem a última etapa de uma progressiva e generalizada acomodação, de uma crescente atmosfera de auto-suficiência, honesta e bem-comportada porém inapta para o serviço desinteressado e *incógnito* (principalmente *incógnito*) dos outros. O erro estupidamente grosseiro, o erro trágico do marxismo, consiste, basicamente, em pretender corrigir injustas situações sociais sem levar em conta que tais situações têm origem no coração do homem.

Os comunistas costumam criticar o "sistema", sem perceber que o tão criticado "sistema" é uma abstração intelectual; o que realmente existe é uma sociedade de homens, um conjunto cujos elementos são *pessoas* e, por isso mesmo, o comportamento coletivo desse conjunto reflete *sempre* o que se passa no íntimo de *cada* um dos componentes.

Ora, a nosso ver, o mais grave erro educacional cometido pelo Ocidente tem sido o de admitir tacitamente, em nossas escolas, uma filosofia pragmática, isto é, um modo geral de encarar os proble-

mas humanos bem semelhantes à óptica adotada pelos marxistas, um modo de olhar que faz vista grossa para a dimensão ético-transcendental do ser humano. Ao contrário, nossas escolas (particulares ou públicas) e, com mais forte razão, nossas famílias, deveriam preocupar-se muito mais em criar nos moços o que podemos chamar de "uma responsabilidade mais consciente e mais amadurecida", muito mais além da legítima preocupação com a segurança, com o bem-estar e com o "status" individual.

O problema acima levantado não é de solução fácil porquanto, no Ocidente, as manifestações culturais não parecem, de fato, dar real preeminência aos valores supratemporais mesmo porque, neste Ocidente, vemos sacerdotes (... ) ocupando cargos políticos, e pior: em regimes que não estão muito preocupados com os citados valores! ...

**CONCLUSÃO** — O tema que nos propusemos é dos mais complexos, exigindo análise extensa e profunda. Ao abordarmos este assunto nos estreitos limites de um mero artigo, estamos apenas propondo, à reflexão dos leitores desta revista, pontos de vista para debate mais amplo. Nesse debate, os mais esclarecidos certamente terão as palavras mais judiciosas e de maior sabedoria. Aliás, o próprio debate torna-se difícil de existir pois nós, homens modernos, vivemos no que se pode chamar: "vida-controlada-pelo-relógio", sem tempo de parar para ler, refletir e sentir em profundidade. Exemplo



típico desse estado de coisas é o modo como têm sido comemorados os dias natalinos: correrias, discursos enfáticos, ruidosidade etc — o oposto do espírito do Natal...

Essa incapacidade de parar, em um lado do mundo é, em grande parte, causada pela generalizada competição para conseguir "status" e "segurança"; do outro lado, é fruto da vigilância paternalista do Estado.

Uma apreciação pragmática do assunto em pauta, sem dúvida, continuará achando que é mais urgente e mais necessário cuidar-se do Produto Interno Bruto, de balança de pagamentos e temas quejandos. O pragmatismo parece ignorar que o caminho para o Estado totalitário passa através do imediatismo sem grandeza e do futurismo evolucionista ou dialético.

Uma apreciação mais nobre e mais *estratégica*, ao contrário, poderá vislumbrar que o desenvolvimento genuíno deve levar em conta aquela condição específica que nos diferencia das abelhas e das aves migratórias; deve estimular, desde o início, um processo educativo integral, enriquecedor do espírito humano: desenvolvimento para a educação. Se nos pedissem um exemplo para caracterizar melhor nosso ponto de vista, diríamos: estudar literatura ou latim pode ser extremamente *útil* porque são, na verdade, coisas *inúteis!*

ADENDO — O presente artigo já estava concluído quando julgamos ser necessário fazer um escla-

recimento. Alguns parágrafos acima, usamos a expressão: "universal massacre"; não se trata, como poderia fazer supor, de uma guerra mundial, do tipo convencional ou nuclear. Expliquemo-nos.

É nossa firme opinião que o mundo contemporâneo vem sendo acuado por quatro concepções agressivas, a saber: o socialismo, o comunismo, o fascismo e o pragmatismo. Colocamos em paralelo com as três primeiras (que são político-sociais) a quarta (que é filosófica) por entendermos que o pragmatismo pode ocorrer (e ocorre) em qualquer tipo de regime, *mesmo entre os mais liberais*.

Ora, um ponto comum àqueles quatro "ismos" que disputam o domínio das sociedades atuais é certo radical pessimismo no que tange à natureza humana. Um pessimismo que supervaloriza a *lei* (no sentido antipático da palavra) em detrimento da *aventura* (no sentido mais nobre da palavra). Em conseqüência desse pessimismo, os adeptos daquelas concepções acabam chegando sempre, consciente ou inconscientemente, à adoção daquela que denominamos: "educação instrumental".

Ao contrário, um modo mais "realista" de encarar o homem saberá, por certo, exergar suas misérias, porém saberá, também, acreditar em suas potenciais grandezas; procurará, antes de mais nada, desenvolver em *cada* criança, em *cada* adolescente (independente de seu nível social e de seu ambiente geográfico) as energias criativas próprias do ser humano. Semelhante tipo de educação inte-



gral é descrita no livro de MOR-TIMER J. ADLER: "The Paideia Proposal — An Educational Manifesto" (ver: "A Defesa Nacional" n.º 705 — Jan-Fev/83).

O modo pessimista de encarar a natureza humana e a educação por ele inspirada gera a atmosfera inamistosa e competitiva que divide os grupos humanos entre "vencidos" e "vencedores", um campo

de batalha muito mais cruel que o de qualquer guerra (convencional ou nuclear). É essa atmosfera inamistosa e competitiva que chamamos de: "universal massacre".

A contrário, a postura "realista" e a educação que ela defende visam obter, simultaneamente, o desenvolvimento pessoal e social sem que haja prejuízo para o bom convívio humano.



*O Cel ROBERTO MISCOW FILHO pertence ao Quadro de Engenheiros Militares e possui os cursos militares da Academia Militar das Agulhas Negras (Infantaria), da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (Comunicações) e do Instituto Militar de Engenharia (Engenheiro de Comunicações e Mestre em Ciências em Engenharia Elétrica).*

*Prestou serviços no 13.º Batalhão de Caçadores, Joinville-SC (1953-1956), na Academia Militar das Agulhas Negras (1957-1958) e no Serviço Rádio do Ministério do Exército (1963-1968). Atualmente é o Chefe da Divisão de Alunos do Instituto Militar de Engenharia (IME).*